

# Artigos



## A “LIBERTAÇÃO” DOS JEGUES E A QUESTÃO IDENTITÁRIA\*

Maria de Fátima Oliveira\*\*  
proffatima@hotmail.com

RESUMO: Esta é uma reflexão que busca compreender as mudanças ocorridas na identidade de uma comunidade ribeirinha. O estudo foca um episódio singular ocorrido na cidade de Pedro Afonso (TO), a “libertação” dos jegues, em decorrência da inauguração do sistema de abastecimento de água encanada, que dispensou os jumentos e seus condutores do trabalho de transporte da água do rio para as casas. O evento ocorreu com muita pompa, com a presença da imprensa e do governador de Estado, em pleno regime militar, no ano de 1968. O fim da utilização dos jegues para esse serviço alterou o cotidiano da cidade de Pedro Afonso e contribuiu para uma mudança no modo de vida da população.

PALVRAS-CHAVE: Identidade, região, cidade ribeirinha.

É verdade, meu senhor  
Essa estória do sertão  
Padre Vieira falou  
Que o jumento é nosso irmão.  
(Luiz Gonzaga e José Clementino)

### INTRODUÇÃO

O jumento, um animal bíblico que desde a Antigüidade foi muito utilizado para o transporte de cargas e passageiros, já esteve prestes a desaparecer do Brasil. Padre Antônio Vieira, um de seus defensores, chegou a escrever um livro intitulado *O jumento, nosso irmão*, que foi traduzido para o inglês e publicado, em Nova York, com o título *The donkey, our brother*. Inspirados na obra de Vieira, Luiz Gonzaga e José Clementino

\* Artigo elaborado a partir dos resultados parciais da pesquisa de doutorado em História, intitulada *Cidades ribeirinhas do Rio Tocantins: identidades e fronteiras*.

\*\* Professora da Universidade Estadual de Goiás, Campus de Anápolis.

compuseram uma música em homenagem a esses animais, em que expressam de modo exemplar a convivência deles com as populações interiores:

Até pr'anunciar a hora  
Seu relincho tem valor  
Sertanejo fica alerta  
O dandão nunca falhou  
Levanta com hora e vamo  
O jumento já rinchou  
Bom, bom, bom.

(GONZAGA, 1968, música de n. 2)

A cidade de Pedro Afonso, localizada na confluência dos rios Tocantins e Sono, no Estado do Tocantins, reflete muitas tendências da história das comunidades ribeirinhas da região. As cidades, de modo geral – e Pedro Afonso em particular –, são espaços privilegiados para a formação de identidades, e deles emergem, no convívio cotidiano, códigos implícitos e explícitos que moldam uma nova identidade: “A história de uma cidade pode ser um espelho da história de uma província, estado, região, nação. Se não um espelho fiel, ao menos um reflexo de muitos traços, que a história da nação às vezes esconde” (IANNI, 1988, p. 15).

A formação de uma identidade está diretamente ligada ao sentimento de pertencimento a um grupo, a um local, a uma região, ou a uma nação, manifestando-se tanto nas práticas como no imaginário e sendo transmitida, principalmente, por meio da cultura. A identidade cultural é construída a partir das vivências, do cotidiano e dos papéis desempenhados em determinadas condições sociais resultantes da produção da vida material. Esse conceito é baseado principalmente no pensamento de Stuart Hall, que tem uma visão não-essencialista de identidade. Segundo ele, a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, logo ela não é dada. O sujeito não é autônomo, nem auto-suficiente, mas dependente das relações com outros sujeitos, na cultura em que está inserido, criando valores e símbolos com significados próprios. A identidade não é unificada, nem estável, do mesmo modo que se forma, ela também se modifica, pois é construída historicamente. “É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas” (HALL, 2000, p. 109).

Partindo desses pressupostos, tomo um episódio singular ocorrido em Pedro Afonso para análise: a “libertação” dos jegues, ou seja, eles foram liberados do árduo trabalho de transporte de água do rio para a cidade com a inauguração do sistema de abastecimento de água encanada na cidade. O termo “libertação” reveste-se de uma conotação mais significativa devido à data do evento: 13 de maio, dia e mês da também “libertação” dos escravos. Na ocasião houve uma cerimônia *sui generis*, com a participação do governador do Estado, de uma banda de música do Rio de Janeiro e, óbvio, com a presença dos jegues em “trajes de gala”.

Embora num primeiro momento o tema possa parecer estranho e sem importância, quero mostrar que, ao contrário, a função de cargueiros, desempenhada pelos jegues ou jumentos, conduzidos pelos guias denominados “botadores de água”, fez parte do cotidiano da história de muitas cidades. A presença dessa equipe de profissionais contribuiu para um modo de vida peculiar, em razão de sua presença constante nas ruas, marcando um ritmo próprio de tempo por mais de século.

De início, ao estudar a História do Brasil, nada digno de atenção parece ter acontecido nessa região durante vários séculos. Mas Guimarães Rosa vem nos lembrar que, quando aparentemente nada está acontecendo, pode estar ocorrendo um milagre. Do mesmo modo, Ítalo Calvino, em *Cidades invisíveis*, se refere à cidade de Aglaura:

[...] limitando-se ao que vi e experimentei pessoalmente, deveria dizer que é uma cidade apagada, sem personalidade, colocada ali quase por acaso. Mas nem isso seria verdadeiro: em certas horas, em certas ruas, surge a suspeita de que ali há algo de inconfundível, de raro, talvez até de magnífico; sente-se o desejo de descobrir o que é, [...].  
(CALVINO, 1990, p. 66)

O mesmo eu poderia dizer de Pedro Afonso, uma cidade que aparentemente não possui nada de especial e, como diria Borges e Palacín, “é fácil perceber que Pedro Afonso não oferece nenhuma antiguidade, nem um passado historicamente denso, que tenha ficado plasmado em seus monumentos”. Mas o que move o pesquisador, senão a curiosidade e a suspeita de que é possível uma outra leitura, dentro dessa aparente mesmice e insignificância? É com base nessa possibilidade que este trabalho pretende tornar conhecida parte da história de uma região periférica, mostrar sua singularidade e riqueza no quadro da história nacional e relacionar esse fato singular ao conceito de identidade.

O texto está dividido em três tópicos: primeiro, faço uma rápida descrição da cidade de Pedro Afonso; em seguida, analiso a presença desses animais no cotidiano da cidade; e, finalmente, discuto a pompa do festejo da “libertação” e os reflexos dessa ruptura na identidade do pedro-afonsino.

#### UMA CIDADE DUPLAMENTE RIBEIRINHA: DE TRAVESSA DOS GENTIOS A PEDRO AFONSO

Em *A terceira margem do rio*, Guimarães Rosa mostra não só a simplicidade e a rusticidade do ribeirinho, mas também como homem e rio estão interligados, não sendo possível compreendê-los em separado. É nessa perspectiva – de unicidade, complementaridade e identidade<sup>1</sup> – que vejo a relação do pedro-afonsino com os dois rios que margeiam a cidade – o Sono e o Tocantins –, antes das transformações que influenciaram e mudaram o seu cotidiano. Dentre as muitas transformações ocorridas, priorizo aqui o fim do abastecimento de água por jegues e “jegueiros”, que era de certa forma um elo de ligação do ribeirinho com o rio.

Estudando o mapa do nascimento das cidades em Goiás, podemos constatar que vários foram os elementos responsáveis pelo surgimento dos núcleos urbanos: ouro, aldeamentos, agropecuária, presídios, pousos de tropeiros, ferrovias e rodovias etc. Nas margens do Tocantins, os aldeamentos indígenas e os presídios foram os principais responsáveis pelas origens das cidades, junto ao “caminho que anda”, em uma região onde não havia rodovias nem ferrovias. Segundo Borges e Palacín (s.d., s.p.), “[...] na segunda metade do século XIX, se estabelece uma linha contínua de vilas, que marcam o pulsar do trânsito comercial pelo grande rio: Peixe, Porto Imperial, Piabanha (Tocantínia), Pedro Afonso, Carolina, Boa Vista (Tocantinópolis)”.

A origem de Pedro Afonso está ligada à fundação de um aldeamento indígena, sob a direção do missionário italiano frei Rafael de Taggia, em 1847.<sup>2</sup> A primeira denominação do aldeamento era Travessa dos Gentios,<sup>3</sup> recebendo mais tarde o nome de Pedro Afonso, em homenagem ao príncipe D. Pedro Afonso de Bragança (1848-1850).

Em um anuário publicado em 1910 encontra-se a seguinte descrição do município: “Dista da capital do Estado 1.200 quilômetros, de Porto Nacional 300 km. e de Carolina 300 km. Está situado na confluência do rio do Sono com o Tocantins em terreno plano e em uma posição muito

aprazível. Tem uma praça e quatro ruas principais” (AZEVEDO, 1910, p. 176-177).

No relatório de 1857, o presidente da Província, Antonio A. P. da Cunha, mostra o aumento da presença de habitantes não-indígenas no aldeamento: “Para esta aldeia tem entrado mais de 300 pessoas vindas das Províncias da Bahia e Piauí”. Diante desse fato, no ano seguinte, houve a remoção dos índios Krahó para uma outra aldeia, às margens do rio Sono.

Em 1861, a cidade é elevada à categoria de Vila. No ano de 1880, segundo informação do juiz de direito de Porto Imperial, Pedro Afonso contava com vinte casas, das quais dezessete eram de telha, e uma igreja arruinada. Diz ainda que a situação não era nada animadora: o aldeamento estava decadente, e a escola de primeiras letras fora transferida para Leopoldina, em razão de ser freqüentada apenas por dez alunos.

No início do século XX, o desenvolvimento de Pedro Afonso é influenciado pela expansão da exploração da borracha de mangabeira, pois era um ponto importante de ligação entre o Nordeste e o Norte, além de ser o local onde as mercadorias eram acumuladas para serem transportadas pelo rio Tocantins, até Belém.

Ao mesmo tempo em que provocou um aumento da população e intensificou o comércio, a “corrida” da borracha acarretou problemas. A chegada de forasteiros despertou ganância e, conseqüentemente, violência. Diversos são os documentos e obras que citam as desordens ocorridas na cidade, ao tratarem da história local: “Em 1911, a política e a ganância comercial ateiam fogo no seio da pacata população e, três anos depois, Pedro Afonso era um montão de ruínas, [...]. Em 1924, novas cenas de banditismo ensangüentam o solo pedro-afonsino” (IBGE, 1958, p. 331).

Esses acontecimentos de Pedro Afonso são narrados também no romance *Uma sombra no fundo do rio*, do escritor goiano Eli Brasiense, que é natural da região e lá viveu por longo tempo. Embora não tendo compromisso com a verdade, pois é um livro de ficção, Brasiense descreve, com riqueza de detalhes, as conturbadas primeiras décadas do século XX na cidade. O autor inicia o romance mostrando os resultados das desordens causadas pelos jagunços: “Quem teria tirado a cidade do lugar e plantado uma tapera?” A resposta:

Foi são-caetano [vegetação que invade as tapersas]. Apoderara-se rapidamente da maior parte de uma cidade destroçada, onde os riachos de sangue correram pegajosos no rumo do Tocantins e do rio do Sono.

O povo que sobrara da tragédia estava doente e triste. Gente bagunçada da cabeça e problemática da idéia. (BRASILIENSE, 1977, p. 13)

Região periférica do Estado de Goiás, o antigo norte passou diretamente da canoa e do cavalo para o avião, pois conheceu primeiro o transporte aéreo para só depois conhecer o rodoviário. Considerando que as comunicações no Brasil Central sempre foram muito difíceis, fica evidente que, desde o início da colonização, os rios desempenharam um papel fundamental como via de ocupação e penetração na região.

Nessa conjuntura, pode ser avaliada a importância que adquiriu na década de 1930 a abertura de campos de aviação nas cidades do antigo norte de Goiás, para a passagem dos aviões do Correio Aéreo Nacional (CAN). Essa façanha é bem documentada em um livro escrito pelo brigadeiro Lysias Rodrigues, encarregado da exploração da região e da abertura das pistas de pouso, entre 1931 e 1935.

#### A PRESENÇA DOS JEGUES NO COTIDIANO DO PEDRO-AFONSINO

Nos séculos passados era muito comum encontrar animais transitando nas ruas das cidades interioranas brasileiras. Dentre esses animais encontravam-se os jegues ou jumentos que diariamente transportavam todo tipo de mercadorias e, principalmente, água do rio para o abastecimento das casas. Conviviam de forma mais ou menos pacífica com a população nas cidades; alguns problemas surgiam quando eles invadiam quintais, roças ou campos de pouso – construídos na década de 1930 –, causando prejuízos e perigos.

Essa questão é ilustrada por uma entrevista do Dr. Antero Cordeiro, ex-prefeito de Pedro Afonso, para o *Jornal do Tocantins*, por ocasião da chegada do transporte aéreo às cidades ribeirinhas. Segundo Cordeiro, o brigadeiro Lysias Rodrigues ficava nervoso – e com razão – diante da ocupação do campo de pouso pelos jegues. Certa feita, o piloto tinha urgência em aterrissar na cidade do Peixe, porque a gasolina estava findando, e os jegues, não saíam do campo. Após conseguir descer, o brigadeiro deu ordem ao comandante do destacamento para fuzilar uma tropa de jumentos que ali se encontrava. O fato só não se efetivou porque nesse momento chegou o major Bena, morador local, que se mostrou contrário à execução, devido à importância dos jumentos para a população: “Não faça isso não, brigadeiro Lysias, porque estes jumentos pertencem à pobreza. E é com eles que se busca água e lenha... sobem a ladeira e trazem no lombo a água do Tocantins” (CORDEIRO, 2003, p. 4).

A solução foi cercar os aeroportos de Peixe, Pedro Afonso e das outras cidades.

Moradora de Pedro Afonso e ex-primeira dama da cidade, a professora Odina M. Sá de Andrade se lembra da presença dos jegues na rua mais importante de cidade, a 15 de Novembro, dos proprietários de tropas e dos empregados, que marcaram época e fizeram história: Pedro Gago, Zuza, Luís Caifás, Felipe, Major Solino (apelido e não patente militar), entre muitos outros. Odina diz sentir saudades da época em que essa rua era palco do desfilar dos jegues, com suas pesadas cargas, no contínuo transporte diário,

[...] de tropas inteiras dos inesquecíveis jumentos que por tantas e tantas décadas serviram o povo de nossa cidade com o abastecimento de água [...]. Desfilavam ladeira acima, em silêncio, passos firmes, fizesse chuva ou sol, enchente ou vazante, com chão escorregadio ou arenoso, muitas vezes açoitado por uma chibata e um grito de seu comandante. A cada descida eram novas cargas d'água que se enchiam, em latas de 18 litros ou ancoretas de madeira, em forma de pipa. (ANDRADE, 2003, s.p.)

Em seu relato fica evidente que a constante presença dos jegues e de seus guias fazia parte da rotina da cidade. Os moradores haviam incorporado de tal forma sua presença que lhes parecia um despertador natural ao alvorecer. Esse burburinho era como uma agradável sinfonia, da qual, segundo ela, os moradores antigos sentem saudades. Finalizando, ela afirma que aquela geração aprendeu com os jegues, “[...] o valor do trabalho, a importância da humildade, a obediência, o saber economizar água e, acima de tudo, conviver com pessoas e animais, respeitando cada um, como seres criados por um mesmo Deus” (ANDRADE, 2003, s.p.).

Esse depoimento, em tom saudosista, mostra-nos certa mitificação do passado de Pedro Afonso pelos moradores mais antigos da cidade. Fica evidente que a implantação do sistema de abastecimento trouxe uma mudança nos hábitos cotidianos do morador local, mas é preciso questionar que, na prática, a população de modo geral aprovou e usufruiu de tal modernização, pois ela veio facilitar o desempenho de suas atividades diárias. O que é preciso ressaltar é que essa mudança na rotina do pedroafonsino, em um determinado contexto, afetou de algum modo sua identidade. Michel Agier nos ajuda a compreender essa questão, quando fala da constituição da antropologia das identidades:

Maria de Fátima Oliveira: A “libertação” dos jegues e a questão identitária

Os processos identitários não existem fora de contexto, são sempre relativos a algo específico que está em jogo [...] o que está em jogo é sempre passível de ser detectado na pesquisa empírica contextualizada, aprofundando caso por caso o conhecimento de tudo o que cerca a questão identitária, constituindo então a parte mais relativa da identidade, aquela que se nota quando as identidades são consideradas como processos localizados, datados, mas que desaparece quando se fala das identidades como produtos já dados. (AGIER, 2001, p. 9)

### 13 DE MAIO DE 1968: A "LIBERTAÇÃO" DOS JEGUES E SEUS REFLEXOS NA IDENTIDADE

A década de 1960 é um marco na história do país. Além da abertura da rodovia Belém-Brasília, da mudança da capital brasileira para o Centro-Oeste, não poderia deixar de lembrar que também nessa década iniciou-se o regime militar.

Para Palacín e Borges, com a abertura da rodovia Belém-Brasília, Pedro Afonso, bem como todas as cidades da margem direita do Tocantins, ficou à margem do progresso. Porém, para o pedro-afonsino, um acontecimento teve maior importância: o abastecimento das casas por água encanada, deixando os jegues livres e seus guias sem profissão, que era a de transportar a água do rio para a cidade. No ano de 1968, em pleno regime militar no Brasil, falava-se e praticava-se um ato de liberdade em algum lugar do país: a "libertação" dos jegues da cidade de Pedro Afonso.

Para se ter uma idéia mais precisa do que foi esta cerimônia, utilizo novamente o rico relato de uma pedro-afonsina que assistiu e participou da festa:

Às 8:00 horas da manhã missa solene, Igreja de São Pedro, Matriz, lotada. A animação musical ficara por conta da Banda de Música da Escola Naval do Rio de Janeiro, trazida por uma aeronave da FAB (Força Aérea Brasileira), aqui chegando de surpresa. Logo após a missa, Sr. Ademar [Ademar Amorim, o prefeito da cidade na época] comunica a todos a chegada da banda e convida a população para recepcioná-la no aeroporto. Por competência e arrojo, tudo fizera em segredo. Ao descer do avião, a Banda já entoava a famosa música *A Banda*, de Chico Buarque de Holanda, conhecida e cantada por todos. Cobertura jornalística feita pela Rádio Brasil Central de Goiânia e empresas de filmagem também de Goiânia. Um luxo para tão simples cidade, porém um direito e muita honra para seu nobre povo. Presente, o Governador do Estado de Goiás, Dr. Otávio Lage

de Siqueira, braço forte, em apoio total para a realização do inesquecível evento. Durante o dia, uma seqüência de solenidades tomou conta da cidade como: desfile cívico com a presença de todas as escolas, tiro de guerra, expedicionários da 2ª Guerra Mundial, reservistas e também a banda de música. A grande expectativa: o desfile dos jegues! Todos enfileirados, como de costume ao desempenhar seu trabalho. Trajados a rigor! As fêmeas usando chapéu de palha enfeitado com flores e fitas, echarpe no pescoço e laço no rabo. Os machos, chapéu simples também de palha. Cada animal usava ainda no pescoço seu cabresto. Após este momento lhes fora servido um coquetel, com fina organização, a cargo do sr. João Damasceno de Sá. Cardápio: milho debulhado com ração verde, servido em bandejas de papelão. Concluído este momento, realizou-se solenemente, o ATO de LIBERTAÇÃO, pronunciado oficialmente pelas autoridades presentes tirando-lhes um a um o “cabresto”, corda que os prendia pelo pescoço e que durante um século lhes impedira a liberdade. Livres, alforriados, soltos para a festa e dispensados da obrigação de transportar a água, das chibatadas de seus donos e principalmente das traquinices da meninada, que os fazia sofrer quando estes estavam de folga pelas ruas a pastar. Na praça da rodoviária, instalou-se o chafariz inaugural, de onde jorrou água ao som de fogos, música, palmas, muita, muita alegria mesmo e banho público em todas as pessoas presentes. Chuva artificial à vontade! Ao meio-dia fora servido um churrasco para toda a população! Organização invejável e muita fartura. Vinte e uma reses abatidas preparadas com sabor de companheirismo, realização, solidariedade, compromisso, sensação de dever cumprido. Acompanhavam o churrasco o prato indígena, o “birarubu”, e o nosso tradicional “chambaril”, muito usado pelos mais velhos nesta região. (Diga-se de passagem, usado até hoje). À noite, grande baile no salão da União Artística Operária de Pedro Afonso, tocado pela famosa e inesquecível “banda do Rio de Janeiro”, como todos se referiam. Festa que amanhecera o dia e aqui os músicos ainda permaneceram por mais três grandes dias e tocando. (ANDRADE, 2003, s.p.)

De que forma esse episódio pode ter afetado a identidade do pedroafonsino? Como se viu no tópico anterior, os jegues, conduzidos por seus respectivos guias nas ruas e no porto da cidade, faziam parte do cotidiano dos moradores. No mesmo porto onde se buscava a água em latas ou em pipas, também os moradores tomavam banho, lavavam roupas e louças, enfim utilizavam-no para todas as atividades de higiene. Os que possuíam melhor condição financeira compravam a água que era transportada pelos

jegues; os mais pobres faziam, eles mesmos, o transporte da água do rio para suas casas.

A modernização do abastecimento de água na cidade trouxe consigo elementos capazes de alterar o cotidiano da população e de afetar tanto a vida material do ribeirinho como seu *status* social. Com o acesso a esse novo serviço, a relação do ribeirinho com o rio tornou-se mais fluida, menos constante e menos direta. Ao invés de ir até o rio buscá-la ou comprá-la dos carregadores, aos moradores bastava tão-só abrir uma torneira e a água jorrava dentro de casa. Lavar roupas, louças e tomar banho passaram de atividades socialmente compartilhadas e públicas a atividades individuais e privadas. Desse modo, os contatos entre os moradores se tornaram menos freqüentes, pois o porto, além de ser o local de tantas atividades de trabalho, era também o lugar de bate-papos. Nesse vaivém obrigatório ao rio, surgiam amizades, fofocas, rixas, brigas ou mesmo namoros.

É necessário lembrar ainda de outro aspecto da vida do ribeirinho: o da saúde pública. Esta também foi afetada diretamente com tal medida, pois a água encanada, passando por um processo de tratamento, não era mais a mesma tirada diretamente do rio pelos moradores e transportada pelos jegues.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conversa com os moradores de Pedro Afonso, é possível constatar uma grande diferença no cotidiano nos últimos anos. O rio era o centro da vida da cidade – utilizavam-no para o transporte, para buscar água, para tomar banho e para pescar; o rio era uma dádiva, a solução, o caminho. Atualmente o contato do pedro-afonsino com o rio é bem mais limitado: o transporte é feito por caminhões que atravessam o rio por meio de uma balsa – nesse sentido, o rio tornou-se um empecilho –; os banhos são freqüentes apenas no verão, não como higienização, mas como programa recreativo; a água chega encanada até as casas sem necessidade de descer e subir o barranco e sem a participação dos jegues.

Atualmente, ao visitar Pedro Afonso, o visitante presencia logo de início um contraste entre o arcaico e o moderno: ainda nos dias atuais para se chegar até lá é preciso atravessar o rio Tocantins numa balsa. A cidade é pequena, mas logo que termina o casario, começam os imensos campos de plantio da soja. Para assistir a todo esse desenvolvimento, há uma boa infra-estrutura: a Cooperativa Agrícola de Pedro Afonso

(Coapa), um projeto de incentivo ao plantio da soja, o Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados (Prodecer), além de imensos armazéns e secadores para grãos.

Alguns prédios e locais antigos só são visíveis hoje pelas fotografias. A importância dada ao novo pode ser observada, por exemplo, pela ausência do antigo mercado municipal, pela derrubada de imensas mangueiras e do quiosque situados no porto. Um outro ponto histórico da cidade também não pode mais ser visto: a famosa Lagoa da Cruz, hoje apenas uma poça d'água, rodeada por lixo.

Por outro lado, convivendo com o moderno, encontramos a gente tradicional de Pedro Afonso, simpática e hospitaleira, desejosa de contar seu passado ao visitante curioso. O único traço visível da antiga Travessa dos Gentios é uma lápide dentro da Igreja de São Pedro, com os seguintes dizeres: "Aqui jazem os restos mortais do Pe. Frei Rafael, missionário [capuchinho]".

As transformações ocorridas nessa cidade e vivenciadas pela população ajudam a compreender como essa identidade foi construída, reconstruída e reelaborada em um local histórico, com suas especificidades e peculiaridades, que, no dizer de Ianni (1988), se não é um espelho fiel da história da nação, representa mesmo assim um reflexo de muitos traços que a história dessa nação às vezes esconde.

Este fragmento da história de Pedro Afonso, a "libertação" dos jegues, foi buscado nos documentos esparsos pelos arquivos, na literatura, nos monumentos, nas ruas e prédios da cidade e na memória das pessoas que a viveram ou que a ouviram de seus antepassados e que hoje são seus guardiões.

#### THE "LIBERATION" OF THE DONKEYS AND THE IDENTITY QUESTION

**ABSTRACT:** This is a reflection which aims to understand the changes happened in the identity of a riverside community. The study focus an unusual event happened in Pedro Afonso (TO): the "liberation" of the donkeys as a result of the sanitized water supply system inauguration, dispensing the donkeys and their conductors. It was a very pompous event, in which the newspaper, television and the State governor were present, in plain Military Period, in 1968. The end of the use of donkeys to the every day activities changed the daily life in Pedro Afonso, contributing to a change in the population's way of life.

**KEY WORDS:** Identity, region, riverside city.

## NOTAS

1. As alterações ocorridas na relação do ribeirão com o rio, a partir principalmente da segunda metade do século XX, devido a mudanças concretas em seu cotidiano – diminuição e conseqüente desaparecimento do transporte feito pelos botes, via rio Tocantins para Belém (Pará), a existência de uma balsa para atravessar o rio e chegar à rodovia, o abastecimento das casas por água encanada –, trouxeram mudanças significativas na sua identidade, pois ela não é estática; ao contrário, a identidade é, como afirma Agier (2001, p. 10), “múltipla, inacabada, instável sempre experimentada mais como uma busca que como um fato”.
2. Frei Rafael nasceu na Itália em 1812, desembarcou no Rio de Janeiro em 1846, foi para Pedro Afonso em 1847, onde faleceu em 1892.
3. O termo Travessa dos Gentios refere-se às constantes travessias, correrias ou passagens de índios nesse ponto estratégico, na confluência dos rios Sono e Tocantins, “em virtude das correrias que aqui se faziam, e era habitado por silvícolas, exclusivamente, sendo a principal nação a dos Xavantes” (IBGE, 1958, p. 331).

## REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. *Mana*, v. 7, n. 2, p. 8-13, 2001.
- ANDRADE, Odina M. Sá de. *Festa da libertação dos jegues em Pedro Afonso*. Pedro Afonso, 10 out. 2003. Texto digitado.
- AUDRIN, J. Maria. *Os sertanejos que eu conheci*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.
- AZEVEDO, Francico F. dos Santos (Org.). *Anuario historico, geographico e descriptivo do Estado de Goyaz para 1910*. Uberaba/Araguary/Goyaz: Proprietária, 1910.
- BORGES, Ana Maria; PALACÍN, Luís. *Patrimônio histórico de Goiás*. Goiânia: Organização Jaime Câmara, [s.d.].
- BRASILIENSE, Eli. *Uma sombra no fundo do rio*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1990.
- CORDEIRO, Antero Batista de Abreu. Lysias Rodrigues e os jumentos do Tocantins. *Jornal do Tocantins*. Opinião. Palmas, abr. 2003.
- CUNHA, Antônio A. Pereira da. Relatório da Província de Goyaz de 1857. *Memórias Goianas*, v. 7. Goiânia: Editora UCG, 1997.
- GONZAGA, Luiz; CLEMENTINO, José. *O sanfoneiro do povo de Deus*, 1968, música n. 2. CD.
- HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- História Revista, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 1-13, jan./jun. 2007

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tadeu T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*, v. XXXVI. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

IANNI, Octávio. *Uma cidade antiga*. São Paulo: Museu Paulista; Campinas: Editora Unicamp, 1988. (Coleção Tempo e Memória).

MIRANDA, Ana Brito. *História de Pedro Afonso*. Goiânia: Oriente, 1973.

ROCHA, Leandro Mendes. *O Estado e os índios: Goiás 1850-1889*. Goiânia: Editora UFG, 1998.

RODRIGUES, Lysias A. *Roteiro do Tocantins*. Goiânia: Líder, 1978.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. 8.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.